

Peço a Palavra

Deputada Zuleika Alambert

Zuleika Alambert, nascida em 23 de dezembro de 1922, na Rua 7 de Setembro, no bairro do Paquetá, em Santos. A primeira dos seis filhos de Juvenal Alambert e Josepha Prado Alambert iniciou sua militância política nos anos 1940. Em 1943 participou da criação da Associação Feminina pela Cultura da Mulher, em São Vicente, e na de 14 departamentos femininos anexos aos Comitês Populares Pró-Democracia. Atuou intensamente durante a II Guerra Mundial e, após seu término, ainda no Estado Novo, nas ações e atos realizados na Baixada Santista em defesa dos presos políticos, da anistia geral e irrestrita, da redemocratização do País e da convocação da Assembléia Nacional Constituinte. Em 1947, a menina de tranças, cheia de vigor, respeitada pelos trabalhadores do cais do porto, elege-se primeira suplente a Deputada Estadual pelo Partido Comunista do Brasil. No mesmo ano, o partido é declarado ilegal. No ano seguinte, em 1948, ela e os demais deputados comunistas têm o mandato cassado pelo Supremo Tribunal Eleitoral e é expedida ordem de prisão por haverem assinado um manifesto em defesa da autonomia de São Paulo. Inicia assim sua clandestinidade.

O breve período que ocupou uma cadeira na Assembléia Legislativa, onde assumiu o mandato em substituição ao Deputado Clóvis de Oliveira Neto, durante seu impedimento no período de 26 de setembro a 14 de novembro de 1947, ocupando uma cadeira efetiva a partir de 15 de novembro daquele ano, em função da renúncia de mandato do Deputado Mautílio Muraro, foi bastante intenso. Apesar da pequena produção legislativa, a deputada se caracterizou pela defesa dos interesses dos trabalhadores públicos. Apresentou o Projeto de Lei nº 370/47, que propunha a concessão de Abono de Natal para os servidores do estado; e as Indicações para a efetivação das serventes da Prefeitura Municipal de Santos e para o pagamento de gratificação a que tinham direito os servidores da Assembléia, em data anterior a 24 de dezembro. Tardiamente o Legislativo aprovou uma de suas propostas, a de Requerimento à Câmara Federal de mensagem de protesto contra a cassação de

mandatos de parlamentares, apresentada dia 20 de dezembro de 1947, aprovada em 19 de janeiro de 1948 e encaminhada em 23 de janeiro daquele ano. Por Ato da Mesa Diretora da Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo, seu mandato e o dos demais deputados comunistas foram declarados extintos em 12 de janeiro de 1948, em conformidade com a Lei Federal 211, de 7 de janeiro do mesmo ano. Se sua passagem pela Assembléia foi rápida, Zuleika Alambert registra uma longa trajetória de lutas, que conquistou um lugar na recente história do Brasil. Sua atuação nos movimentos políticos e sociais é registrada em livros, páginas eletrônicas, teses e memórias. Consta, também, como um dos 1.500 verbetes do Dicionário Mulheres do Brasil¹, ocupando com destaque os da letra Z.

Na década de 1950, Zuleika participou ativamente em campanhas pela Soberania Nacional e pelo Estado de Direito. De 1951 a 1954, foi secretária-geral da Juventude Comunista. No início dos anos 1960, de forma semilegal atuou junto à diretoria

Acervo Zuleika Alambert



Zuleika Alambert aos 19 anos

da União Nacional dos Estudantes, entre outras, nas campanhas pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e na Defesa do Monopólio Estatal do Petróleo. Teve destacada participação na Campanha de Alfabetização de Adultos e na criação e desenvolvimento dos Centros Populares de Cultura.

Após o golpe de 1964, foi perseguida pelo Serviço Secreto do Exército, teve sua casa invadida e depredada, voltando à clandestinidade, desta vez com os direitos políticos cassados por 5 anos. Com a aprovação da Lei de Segurança Nacional e a decretação do AI-5, sai do País em 1969 e vai para Budapeste, na Hungria, como ativista da Federação Mundial da Juventude Democrática, ajudando a organizar a campanha pelo término da Guerra do Vietnã. Em 1971 foi para Santiago, no Chile para participar do Encontro da Juventude Mundial contra a Guerra no Vietnã e lá permanece, participando da criação do Comitê de Mulheres Brasileiras no Exílio e nos movimentos chilenos em defesa do Governo de Salvador Allende.

Após o golpe militar no Chile, se refugia na embaixada da Venezuela. Em 1974, com a proteção da ONU instala-se em Paris, onde forma o Comitê de Mulheres Brasileiras no Exterior. Em 1979, com a anistia, retorna ao Brasil e é recepcionada pelas entidades de mulheres brasileiras. Em 1983 deixa o PCB e se dedica à questão da mulher, tendo participado do grupo de estudos para a criação do Conselho Estadual da Condição Feminina, no qual ocupou praticamente todos os cargos. A história de Zuleika Alambert está intimamente relacionada à história da luta pela promoção dos Direitos Humanos e da condição da mulher em nosso País. Recebeu inúmeros títulos e condecorações e participou como conferencista em mais de duzentos eventos, como o Fórum das ONGs da América Latina e do Caribe, na Argentina; da Conferência de Pequim, na China, e da Conferência Mundial da ONU sobre habitação (Habitat II), na Turquia.

A entrevista a seguir faz parte do projeto de História Oral da Divisão de Acervo Histórico, no qual os depoimentos de ex-deputados e funcionários, registrados em áudio e vídeo, são transcritos e ficam, juntamente com a documentação coletada para as entrevistas, à disposição dos pesquisadores e interessados. A entrevista a seguir foi registrada apenas

em áudio. Foi realizada em dois encontros ocorridos em 23 de março e seis de junho de 2004, na casa de Zuleika Alambert, no Rio de Janeiro, conduzida pelos professores Ricardo José de Azevedo Marinho (ricardo.marinho@unigranrio.edu.br), da Escola de Ciências, Tecnologia e Arte da Universidade do Grande Rio (UNIGRANRIO), e Renata Bastos da Silva (rerota@nitnet.com.br), do Departamento de Ciências Econômicas da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), ambos diretores do Núcleo de Estudos Antonio Gramsci. Agradecimentos especiais à equipe da Divisão Técnica de Taquigrafia e à sua diretora Vera Márcia Máximo de Carvalho Garbosa pela transcrição das fitas.

Acervo HISTÓRICO – Como iniciou seu interesse pela política?

Zuleika Alambert – Resumindo... era estudante, tinha uns 15 anos, (...) estudava no Liceu Feminino Santista, depois estudei no Tarquínio Silva. O Liceu formava as dondocas da cidade, mas eu fui para lá porque uma senhora – a minha

DAH-ALESP



O Palácio das Indústrias, no Parque D. Pedro II, foi a sede do Legislativo Paulista de 1947 a 1968

mãe era cozinheira – pagou os meus estudos, por isso eu fui estudar lá, fiz o Ginásio, depois como eu não quis parar, eu fiz Administração e Finanças no Tarquínio Silva, que nunca usei, porque eu não gosto de dinheiro. Morava na orla do mar, em São Vicente. Eu estudava o Ginásio, mas fazia o balé também, tanto que eu cheguei a dançar no Municipal, no Jardim do Templo Chinês. (...) Era muito inquieta, (...) morando numa rua humilde, com terrenos baldios do lado, como uma pessoa assim busca um caminho? Escrevendo fases da minha vida é que eu começo a pensar, eu tirava leite de poste como a gente diz na gíria. Estudei cedo mesmo, devia ter 16 anos, nem 17 anos tinha, eu era teosofista, trabalhava na Igreja Teosófica, que tinha uma grande biblioteca e eu usava a biblioteca. A loja era ecumênica, tinha de tudo. Tanto que eu fiz palestra sobre vida, porque tinha tudo ali, eu tinha 16 anos. Eu fui estudar a vida. Por quê? Porque queria me libertar, queria me liberar, eu era uma pessoa condicionada com a família, com a sociedade, com tudo, aquilo era um arcabouço de ferro. (...) Imagina nascida na década de 20, em 1923, você imagina meu pai? Tinha que dar a benção e tudo, achava ridículo, mas tinha que fazer. Como eu não tinha visão política, fui estudar Teosofia, fui fazer teatro, fui nadadora... Meu pai era do PSD [Partido Social Democrático] e me colocou lá, ele queria que eu fizesse política, só que eu passei de um lado para outro. Assim que pude cai fora. É toda uma busca de caminho... Com a guerra, a guerra já colocou um problema mais político na cabeça, porque os navios foram afundados, os alemães que viviam na orla marítima tiveram que ir para o interior. A minha professora de balé, Rosa, era alemã e ela teve que ir para o interior. Eu comecei a me interessar por política, mas uma política que não era partidária, era uma política geral. E eu buscava a arte, o esporte, a convivência com as pessoas de cabeça... Era aluna da dona Alzira, que é mãe da Cacilda Becker, da Cleide e da Dirce. A Cacilda era bailarina, depois que ela participa de teatro.

AH - Ela era a sua professora de quê?

ZA – Dona Alzira era professora do ginásio, comezinho do Ginásio, ela era uma mulher muito aberta. A Dirce era minha colega de escola, mas já estava no segundo ano, a Cleide no terceiro e a Cacilda no quarto. É tanta coisa na minha cabeça... Se eu fosse o computador, para alinhar tudo direitinho, você ia ver a busca desesperada que eu procurava por uma coisa, que eu não sabia o que era. (...) Eu fazia a travessia do canal a nado, desde o Forte do Itaipu até a Cidade de

Santos. (...) Quando nós rompemos com o eixo, na minha casa – tudo acontecia na orla marítima – todo mundo tinha que pôr panos pretos na janela para não verem as luzes dentro de casa. E nós enfrentamos o racionamento das coisas para comer. Na minha casa não tinha pão, a minha mãe comprava macarrão, macarrão do empório, ela comprava para amassar e fazer pão. Era um momento muito especial. Então os navios foram a pique² e ali começou aquele mal-estar dentro da população, eram crianças, velhos e tudo foi para o fundo do mar. Então, saímos para a rua pedindo que o Brasil declarasse guerra ao Eixo, essa era a primeira coisa, porque o Getúlio estava de braços dados com o Hitler, com as forças do Eixo. E depois, na segunda etapa da guerra, nós fomos trabalhar para mandar uma tropa para o fronte (...) participei de tudo que era problema neste País. Eu fui à rua para pedir que o Brasil declarasse guerra, depois eu fui para a rua para pedir que o Brasil mandasse uma tropa expedicionária, que foi para a Itália e mais razão ainda, porque a cidade toda ficou ocupada pelos pracinhas e eu ganhei um noivo lá. – Sessenta anos depois ele ainda me telefona. (*risos*) São as histórias de amor. – Aí, quando eles foram para o fronte, nós começamos a trabalhar como madrinhas de guerra, a gente juntava lã, sapatos, meias, remédios, tudo para mandar para eles. A minha política foi a guerra, a coisa mais política.

AH – Essa foi a contribuição para a Guerra?

ZA – Sem falar da Força Expedicionária Brasileira (...) da nossa brilhante cooperação, e destacar o serviço ativo da frente interna do País, milhares de braços mobilizados, trabalhando a terra enquanto outros trabalhavam na indústria pesada. Centenas e centenas de mãos retalhavam cascas virgens de nossas seringueiras, retirando o látex, empregado no fabrico da borracha, gênero de primeira necessidade na alimentação do maquinário de guerra. Outros semeiam café, bebida estimulante, que irá para as nossas Forças Armadas e para todas aquelas que lutam para o completo êxito das armas aliadas. Outras que plantam o algodão e uma infinidade de gêneros que vão vestir e alimentar os povos do exterior...

AH – E o episódio do azeite?

ZA – E eu nesse período... Faltava azeite na cidade, e o azeite estava estocado na Prefeitura, esperando o preço aumentar para venderem. Um dia sai na rua, peguei e fiz uma faixa e coloquei assim “vamos buscar o azeite”, eu coloquei uma mulher aqui e outra ali e sai pelo bem da

cidade, “vamos buscar o azeite, vamos buscar o azeite”, aí os estivadores nos viram e ensinaram que tínhamos de fazer uma comissão para falar com o Prefeito. Os estivadores tinham apelidos engraçados, um era Cabelo de Rato, outro era Barriga Cortada, outro era Cor da Praia, Chaves... Esse Chaves, depois, até me ajudou muito sobre Reforma Agrária, ele foi de um piquete que se formou no Rio Grande do Sul. Revolucionário! Mas voltando ao azeite, lá fomos nós, na Prefeitura. “A senhora quer o azeite, então a senhora leva o azeite todo para casa, a senhora vende o azeite e me traz o dinheiro”, e eu não titubeei, mandei buscar o azeite, eles levaram tudo pra minha casa num caminhão e minha mãe quase morreu. Aquela fila de mulheres para pegar o azeite...

AH – E como surgiu a militância partidária?

ZA – Então, era uma menina que estudava e despertei para a vida política, sem saber o que estava fazendo, (...) entrei para o Partido Comunista e depois eu explico por que. Então, foi essa a minha primeira escola. A segunda escola foi a vida partidária. Eles [militantes do Partido Comunista do Brasil] me levaram para fazer a solidariedade aos pracinhas, depois veio a luta contra todas as mazelas do Estado Novo, pela democratização do País e eu estava nessa. E até que um dia a Rute me recrutou da seguinte maneira, a gente quando é jovem é muito ousado, ela era militante de São Vicente, não lembro o nome completo, me disse “olha, eu pertencço a um partido que muitos militantes morreram dando com a cabeça na grade, na prisão, de tanto que eles sofreram dentro do Presídio Maria Zélia³. Você quer entrar para esse partido?” E eu quis, não só quis, como eu filiei toda a minha família, depois a minha família mandou desfiliar, porque eles não queriam nada. Eu me filiei ao partido, aí eu comecei a trabalhar, isso já é fim de 46, fazia esse trabalho o de recrutar e eu falava nos comícios, esse período para mim é muito rico, porque eu fiz coisas incríveis. O meu primeiro comício foi na porta de um curtume em São Vicente, tinha uns dezoito trabalhadores. Eu dizia “hoje estou falando para esses homens, mas amanhã eu quero falar na Vila Melo”. Vila Melo era a principal cidade de São Vicente. Aí eu fui falar lá e aquilo já era pequeno para mim. Pensei: “daqui quero falar na Praça da República”, que era Santos, depois quando mudo para Santos é que eu entro em contato com o pessoal das docas. Eu não me lembro bem a data, a Espanha era governada por Franco⁴ e ele estava matando todo mundo, então eu lia que marinheiros, doqueiros, estivadores de todo o mundo não estavam

deixando os navios espanhóis descarregarem as mercadorias no cais, era um boicote mundial. Eu disse “o Brasil tem que fazer isso também”, e vai ser pelo Porto de Santos. Eu com a dona Jovina Pessoa, que era mulher do Samuel Pessoa⁵, e a mulher do Graciliano Ramos [Heloísa Ramos], nós três íamos para o cais e fazíamos o diabo lá, convencendo os estivadores e doqueiros a não desembarcarem os navios. Até que chegou o dia dos navios, o navio veio entrando com a bandeira espanhola, e o cais inteiro parado, nem se ouvia mugido, e nós lá! Não descarregaram nada e o navio teve de voltar outra vez para a Espanha.

AH – Foi um período de grande mobilização?

ZA – O partido nessa época parecia que estava crescendo e eu fui me projetando em porta de fábrica. E o nosso período de legalidade foi exatamente fins de 46/47, em 48 eles cassaram. Então, a minha experiência legal foi muito pequena, mas foi o suficiente para ser candidata a deputada do Estado, eu fiz a candidatura federal – não fui candidata, era muito menina –, eu fiz a campanha de Osvaldo Pacheco, que foi eleito. Quando vem a campanha dos deputados estaduais, eles me candidatam, eu não tinha bagagem, nada. Era nadadora, trabalhava em teatro, a minha vida é múltipla...

Acervo Zuleika Alambert



Cartaz de peça teatral que Zuleika Alambert protagonizou (1941)

AH – E você disse que as prostitutas a apoiaram na sua campanha?

ZA – Apoiaram, elas trabalhavam no cais, naquele tempo os contêineres derrubavam muito café... e tudo! Agora é diferente. E elas catavam, catadeiras de café, elas catavam café. Os homens não iam catar café não. Quem apadrinhou a minha candidatura foram os estivadores e doqueiros. E os estivadores me levaram para fazer a campanha na Alta Paulista. Seis ou sete estivadores, cada um com revólver na cinta, porque o pau quebrava mesmo. Olha, era uma contradição, mas era um período de luz e sombra, como chamam. E eu fui fazendo a minha campanha alegre e feliz por aí.

AH – Na Alta Paulista?

ZA – É... até Tupã, Marília, toda essa zona, que era minha zona de trabalho. (...) quando eu fui candidata fazia um cartaz, “Zuleika vem falar hoje de noite”, bairro chinês... Eu ia com aquela pasta, pregava lá, a mulherada queria, porque todo mundo queria ver, uma menina que era candidata, de tranças, falando... e depois me davam lanche, (...) uma campanha muito diferente de hoje, não tinha televisão, a gente distribuía o santinho de casa em casa.

AH – Eles centraram em algum candidato lá em Santos?

ZA – No Martorelli e no Taibo⁶. Eu não era preferencial, era candidata, mas não era preferencial; o [Victorio] Martorelli era jornalista e tinha o Estocel de Moraes⁷. Os três eram muito mais experientes do que eu. E trabalhamos os três, quando veio a contagem de votos quem ganhou foi o Taibo Cadorniga e o Estocel de Moraes. Eu não fui eleita, mas fui a primeira suplente. Tinha um deputado que se chamava Clóvis de Oliveira Neto⁸ – o partido naquele tempo era terrivelmente preconceituoso, ele teve que deixar porque quando a gente entrava já assinava o ato de renúncia, titubeou toca fora... Quando ele saiu⁹ – tinham mandado ele renunciar –, eu entrei, fiquei deputada, e quem encontro lá? A Conceição Neves Santa Maria¹⁰, a famosa Regina Maura, do Teatro Rebolado. Ela casou com o Santa Maria, que era um médico rico. Era uma diferença muito grande entre eu e ela. Eu era uma menina, não tinha nada na cuca, maluca que só, e ela já era uma mulher chiquíssima e eu estava na fase da auto-afirmação, usava sapato de homem, tinha um casaco marrom... não queria saber, não entendia nada de beleza, tinha a beleza da juventude. Eu era assim, me pintar,

me arrumar? Tinha que parecer um pouco com homem. Eu achava que isso colocava respeito... (risos) Um dia a Helena, mulher do Caio Prado¹¹, foi na Assembléia e achou que eu estava vestida como homem, usava sapato de homem. Ela até me ofereceu uns vestidos... Assumi em 1947, fiquei seis meses no Parlamento, não mais do que isso, com 4.654 votos pelo Partido Comunista, que era legalmente constituído – porque em 1947 foi cassado [o registro para funcionamento legal] e nós, que tínhamos mandato, continuamos no Parlamento, depois é que veio a busca, fomos cassados de casa em casa. E aí eu comecei a rodar de casa em casa, de casa em casa, na ilegalidade, até que o partido um dia me mandou para o Rio, mas demorou. Ainda tinha o problema de ser mulher, chegava lá, a mulher dona da casa ficava com ciúmes do marido. Era muito atrasado. Fiquei um bom tempo na casa do Milton de Brito¹².

AH – E seu convívio com a deputada Conceição da Costa Neves? Eram só as duas mulheres...

ZA – É, não tinha mais ninguém... O dia que eu fui tomar posse – com aquela roupa esquisita – fiquei sentada na sala do café, esperando que os deputados me introduzissem no plenário, ela chegou e disse: “você quer buscar um café para mim, que eu quero tomar café”, eu respondi: “moça não sou empregada, eu vim tomar posse”. Ela ficou espantada e me disse: “se você quiser usar o meu toalete, é privativo”. Eu nunca entrei no toalete dela, eu ia ao toalete das funcionárias, por isso que eu fiz muita amizade com as funcionárias. Eu nunca pedi um toalete.

AH – Existia uma postura machista entre os comunistas?

ZA – Sempre houve, mulher era para fazer cafezinho, para fazer datilografia, taquigrafia (...) eles tinham um certo respeito por mim e tinham de dizer que o partido cuidava das mulheres. Mas o partido era machista, sempre foi. Essa mentalidade era desde a União Soviética. (...) Perguntei pela Pagu¹³ e me disseram que ela era uma mulher da vida. Foi a informação que me deram, da Pagu! Ela e a Eneida¹⁴, que eram as mulheres que naquele tempo nem sonhavam em fazer nada. Mas o marxismo foi um dos movimentos que primeiramente convocou e demonstrou a importância das mulheres, o papel das mulheres. Inclusive, deu voz a elas, mas eu quero deixar isso bem claro, chamou a atenção das mulheres, mas para usar a mulher como instrumento, nesse sentido. Tanto que eu tinha



Panfleto da campanha eleitoral a deputada estadual

uma frase, mas veja, eu a incorporei e depois eu mudei, a mulher precisa da democracia para se organizar, para se mobilizar etc. e depois acrescentei, a mulher precisa da democracia e a democracia precisa da mulher, porque enquanto a mulher não for paritária com o homem no poder, em geral, a democracia é uma mentira.

AH – O partido, de certa forma, usava as mulheres?

ZA – Esse é o problema. O partido via a mulher como um instrumento que ele precisava, ele precisava para quê? Para fazer comício, para distribuir santinho, para tomar conta das crianças quando faziam reuniões grandes, para dar café para os homens, quando tinha um congresso internacional. Nunca se mandou mulher nenhuma para um Congresso. Tinha as comissões de trabalho, a reunião do Comitê Central, estadual, que seja, mas tinha sempre uma comissão que chamava comissão da feijoada, por quê? Era onde estavam as mulheres, por que feijoada? Porque tudo que as outras comissões não queriam, política externa, política monetária... Quando ninguém queria, caía naquele grupo, naquela comissão da feijoada, como se chamava. E tem aquela teoria, tem que ter um negro, tem que ter um índio, tem que ter uma mulher, você me entende, (...) uma colher de chá que você está dando para as mulheres, mas você aproveita isso, formando a consciência da mulher, não porque isso vai resolver.

AH – E o comportamento dos deputados?

ZA – Os deputados da bancada me apoiaram. A bancada me apoiou muito, toda vez que eu ia falar a bancada me cercava, e quando eu me atrapalhava um pouco eles entravam, então eu tive muito apoio da bancada. Mas quando eu descia, sempre tinha aqueles deputados – não os

meus companheiros de partido – me oferecendo carona. “Mas você é muito moça, muito bonita, como você fica dando dinheiro para o partido, não tem carro, não tem nada, venha comigo...” E mais, quando eu ocupava a tribuna, diziam “o que você está fazendo aqui? Vai lavar roupa, volta para a sua casa, vai casar, ter filhos”, era um negócio sério, não é como hoje, hoje é sopa. Mas eu era cara de pau, naquele tempo não tinha conversa, eu brigava mesmo. Eu xingava, era terrível. Quando eu assumi eles disseram: “então vem para cá mais uma flor”, porque tinha a Santa Maria, mas aí completaram: “cuidado que essa flor tem espinho”. (...) Eu dava uma parte grande do dinheiro para o PCB. Nunca comi tão mal na minha vida, dormia no chão, pegava ônibus – só quem tinha carro era o Caio, o líder da bancada – não era como hoje, era uma sala para todo mundo, a assessoria era coletiva, uma assessoria para assessorar a bancada, e a gente passava o dia inteiro em função daquilo, do parlamento. Aí, final de semana, ia viajar no interior para fazer a base eleitoral, então eu ia para Alta Paulista, até Marília, Tupã, aquelas bandas de lá. E depois voltava.

AH – Seu mandato foi curto, mas intenso...

ZA – Foi... Veja este recorte. “Zuleika Alambert, a quem se deve a iniciativa do projeto de lei concedendo abono de Natal, virá a esta cidade para entrar em contato com a sua população e, muito especialmente, com o elemento feminino, com as donas de casa, com as jovens, com a classe estudantil feminina, com mulheres de todas as classes sociais, a fim de com elas debater os problemas da situação brasileira. Em homenagem a essa ilustre parlamentar, vai se realizar para uma grande reunião, onde todos terão o prazer de ouvir a palavra dessa jovem lutadora. A reunião se encerrará com baile, nos intervalos de contra-danças se farão ouvir diversos oradores na defesa da Constituição e alerta ao povo para protestar contra esse abominável Projeto de Lei de cassação de mandatos, golpe de morte em nossa democracia”. Eu fiz uma miséria lá em 13 de dezembro, em Barretos...

AH - Dançou?

ZA - Dançava, era jovem... Depois fiz uma visita na Vila dos Urubus. “Cassação não, abono de Natal”, eu fui nessa Vila dos Urubus, era uma coisa horrível, só tinha barraco, era um lugar miserável, Vila dos Urubus, “pequeno pedaço de terra mineira, esquecido, espezinhado pela maioria dos governantes, que nada tem feito

pelo povo e tal”. Fazia o contato com o povo, de porta em porta, de rua em rua. Fomos nós, em nossa campanha, fotógrafo do *Jornal do Povo* e os candidatos de Prestes, ouvir as queixas... Entramos em diversos barracos, todos pequenos, escuros, sem água, sem luz e sem ventilação...

AH – Como foi seu relacionamento com os deputados comunistas?

ZA – O Caio Prado era o líder da bancada. Nós tínhamos muitas pessoas interessantes lá, tinha o Lourival, que era borracheiro, o Sanches, que era tecelão, o Armando Mazzo... não sei o que ela era, foi prefeito de Santo André, enfim, era uma bancada, se não me engano, tinham 14¹⁵ e eles me ajudavam, rapidamente me entrosei. Eu era muito individualista e não tinha essa noção do trabalho coletivo, eu acho que eles entenderam isso e me ajudaram. Foi uma escola minha vida parlamentar. Depois, em 1948, tchau. Então, a minha presença foi muito insignificante, mas nesse pouco período eu fiz tudo o que eu podia, ia para porta de fábrica e falava, ia para o cais e falava. Eu lembro que um dia estava falando no centro da Praça da República em Santos, de repente ouvi, parecia uma voz que vinha do mar do cais: “Muito bem companheira”. Os doqueiros! Eu fui falar na Praça da República e eles meteram as patas de cavalo¹⁶ e acordei em outro lugar desmaiada. Você vê que era uma situação muito dura, e em 1948 cassam os mandatos e a gente ainda fica um pouquinho ali, até que um belo dia vem a cassação definitiva. Em 1948 ainda fiquei um tempo relativamente grande em Santos, São Vicente, fazendo comícios... Cassaram o partido, continuamos funcionando. Depois cassaram a gente. Depois do Golpe do Getúlio eu não voltei mais para Santos, não tinha condições, eu fui para o Rio.

AH – E depois da cassação?

ZA – Aqui, a gente não tinha partido, a gente enfiava os nossos candidatos nos outros partidos. Eu não fui mais candidata a nada, eu só fui do PCB. Apoiava os candidatos do partido. Os candidatos do Prestes. Quando nos cassaram, cassaram todos os eleitos, como eles diziam, sob a legenda do Prestes, não era legenda do partido, o Prestes era unificador do partido. Então, aí o partido me deu algumas missões – ainda estava na vida partidária – Secretária Geral da Juventude Comunista, o presidente era João Saldanha¹⁷; ilegalmente eu levei duas grandes delegações, uma para a Alemanha [Festival da Juventude de 1952], logo depois da guerra, e outra para a

Romênia [Festival da Juventude da Romênia, em 1961], eram mais de 200 homens. Eu conheci os horrores da guerra, o que ela deixou... Aprendi muito sobre jovens. Ajudei a formar o comitê universitário, fui secretária de massa, como eles chamavam, ocupando as tarefas de luta pela paz, defesa do petróleo. Depois, vem a minha terceira escola, que foi o exílio. Eu fui exilada em função de toda essa trajetória.

AH – Exilada no golpe de 1964?

ZA – Sim, eu agüentei até 1969, continuei no Brasil. Fiquei cinco anos penando, depois eu saio para ir trabalhar na Hungria, na Federação Democrática Internacional da Juventude. Quando eu saio, passo pelo Uruguai, pelo Paraguai, pela Argentina, e de lá eu vou para Hungria. Cheguei na Hungria e depois voltei numa delegação para o Chile, do Governo Allende¹⁸ e fiquei lá, resolvi não voltar mais do Chile. Em 1964, no dia do golpe, assisti tudo, ainda fui para uma casa que ninguém sabia onde era, dali ia para sauna, ficava o dia inteiro ouvindo a conversa daquela mulherada de milico. Olha, eu fiz o diabo, mas chegou um ponto que não dava mais para ficar no Brasil, porque o serviço secreto estava atrás de mim, por causa da União Nacional dos Estudantes. Eles achavam que tudo o que acontecia na UNE a responsável era eu. Não era não, tinha muita gente ali que

Acervo Zuleika Alambert

Ao povo de Barretos! Aos Trabalhadores em geral!

Deverá chegar hoje, pelo trem das 18,40, a esta cidade, a jovem deputada à Assembleia Legislativa Estadual, **Zuleika Alambert**, moça ainda, mas cuja vida tem sido um contínuo lutar pelas causas populares na heroica cidade de Santos, que a elegem para representá-la naquela casa de representantes do povo.

Zuleika Alambert, a quem se deve a iniciativa do projeto de lei concedendo abono de Natal, virá a esta cidade para entrar em contato com sua população e muito especialmente com o elemento feminino, com as donas de casa, com as jovens, com a classe estudantil feminina, com mulheres de todas as classes sociais, a fim de, com elas debater os problemas mais prementes da atual situação brasileira.

Em homenagem a essa ilustre parlamentar, realizaremos hoje, às 20 horas, no salão do prédio da rua 20 n. 1074, uma grande reunião, onde todos terão o prazer de ouvir a palavra dessa jovem lutadora. A reunião se encerrará com um baile, nos intervalos do qual contradições, se farão ouvir diversos coros que, na defesa de nossa Constituição, alertarão o povo para protestar contra esse inominável projeto de lei de cassação de mandatos, golpe de morte em nossa democracia.

**Lutemos contra a cassação de mandatos!
TUDO PELO ABONO DE NATAL!**

Barretos, 13 de Dezembro de 1947.

*Eulides Tegami
Lutgardes Bastos*

Panfleto anunciando a chegada da Deputada Zuleika Alambert em Barretos

fazia. Eu fiz um livro, que se chama “Estudantes fazem a história”, dez mil que foram queimados em praça pública, tem um exemplar na biblioteca do Exército... Eu tinha feito um levantamento desde 1710 da luta dos estudantes (...) Não teve jeito, tive que ir embora daqui. O meu primeiro exílio foi em Santiago do Chile, quando eu cheguei, comecei a ver que as mulheres dos caras que estavam indo para o Chile não sabiam nada, eram caseiras, comecei agrupá-las para, de um lado, fazer solidariedade ao povo brasileiro e, em segundo lugar, para começarem a se enfronhar nos seus problemas. Então, formei um grupo de mulheres brasileiras no exílio, eu e mais umas duas ou três. Até que vem o golpe de Santiago. Lá eu tive muitas experiências, fui trabalhar em fábrica de autopeças, fui colher legumes na agricultura, dei curso falando da experiência do golpe no Brasil, enfim, eu trabalhei muito e o partido chileno, a Unidade Popular, me ajudava. Uns dias antes do golpe chileno fui na sede do partido e disse “olha, eu vou dizer uma coisa para vocês, vai chegar o golpe no Chile e todos nós vamos ser presos, eu quero saber o que eu faço?” Aí eles disseram: “mas aqui não vai acontecer nada, porque nós temos a estação de TV, tem rádio”, eu digo: “vão fechar tudo”, e eles me mandaram voltar para casa, só que a mamãe aqui não foi para casa, eu já fui dormir fora e aí começa a minha saga, no exílio do exílio. Eu me lembro de um dia que saí com o Ferreira Gullar¹⁹ e o Sérgio, que a gente chamava Sérgio Moraes – ele é maravilhoso e é meu amigo até hoje –, bem, voltando a Ferreira Gullar, nós fomos andando e a cidade estava toda embarricada, fomos andando encostados na parede, foi uma coisa muito difícil e muito dura e eu dizia para o Gullar, de tarde, antes de acontecer essas coisas, eu disse “olha vai acontecer amanhã, amanhã vocês me pegam de manhã e me tiram da minha casa”, fomos andando, voltamos para casa e de manhã eu já estava de malas prontas, com o meu gato embaixo do braço. Fui para o sítio, ali reunia todo pessoal...

AH – Encontrou algum deputado?

ZA – A minha casa era freqüentada por Almino Afonso, [José] Serra, todo mundo. Foi muito interessante essa minha estadia em Santiago, eu aprendi uma coisa, você pode morrer com um povo, mesmo que ele não seja seu, é a solidariedade. Já era um conteúdo muito concreto do internacionalismo proletário. Como já disse, chego lá e encontro mais de 200 mulheres que chegaram antes de mim, fugidas daqui, com os seus maridos, seus filhos, a maioria dona de

casa, aquilo me preocupou. Eu era uma mulher política, mas elas não eram. Comecei a ver como poderia integrar aquelas mulheres na vida chilena sem perderem as suas raízes brasileiras. Criei um Comitê de Mulheres Brasileiras no Exílio, eu inventei de criar um núcleo de brasileiros exilados e fazia reunião que vinha brasileiros exilados nos diferentes países da Europa e até da África. Até que veio o golpe. Entrei para a Embaixada Venezuelana, tive uma experiência do exílio chileno, organizamos o pessoal dentro da embaixada, levantava cedo, tomava banho, e esse menino aí...da Força Sindical, que hoje é não sei o que...

AH – O Luiz Antonio Medeiros?

ZA – O Medeiros e o outro... a gente pegava o jornal, lia o jornal, tomava banho... Tinha gente que dormia na piscina, porque não tinha lugar. Então, a minha outra experiência foi essa dentro da Embaixada Venezuelana em Santiago do Chile, até que a situação começa a ficar insuportável, até que um dia eu consegui criar um ambiente para sair de Santiago exilada. Sai escoltada... Levaram-me até o aeroporto, a Venezuela me deu um passaporte, eu sai e fui, me levaram dali, fui até o aeroporto, cheguei lá e não tinha avião... Como eu era exilada na Embaixada da Venezuela, eu fui para Venezuela e ali não deu tempo de fazer grandes coisas, porque eu tinha que me safar e ir para Europa. Ajudaram-me a sair da Venezuela, com visto da Embaixada Soviética. Precisava entrar em tratamento de saúde. Fiquei com o cabelo branco, branco. Foi muito difícil depois do golpe, ainda fiquei um tempo lá. De lá, me tiram para Moscou e de Moscou eu volto para Paris; de Paris para o Rio de Janeiro. Em Moscou, fui direto para o Hospital, quando tive que operar os rins, tive de fazer um tratamento todo porque eu estava ruim de saúde, muito ruim. E fiquei lá. Mas sabe, lá não se podia fazer grande coisa, porque a União Soviética não permitia fazer grandes coisas. Então, fui agüentando, até que resolvi ir para Paris. O partido francês me recebe e eu fui ficar na casa do Oscar Niemeyer. Lá fundei o grupo de mulheres brasileiras no exterior, que era as que vinham exiladas e se espalharam pela Europa... São Tomé e Príncipe... Foram para Itália, foram para Bruxelas, se espalharam. Em Paris continuei a minha solidariedade ao povo brasileiro, lá nós fizemos muitos trabalhos, fizemos jornais... a situação era outra, então eu freqüentei tudo que tinha de bom para cultura, inclusive tive contato com as feministas, não passei a ser feminista não, mas dizia que era uma mulher marxista, que estudava feminismo, estudava as mulheres. Lá

eu consegui carteira de exilada, viajava por toda Europa, fazia aqueles trabalhos de solidariedade, saía da Europa, eu ia para outros países, viajava organizando as mulheres. Fiquei lá até o dia que veio a anistia. Então, por isso que eu digo, a guerra, o partido, o exílio, o feminismo... aprendo lá, mas não assumo. Venho para cá, desço no aeroporto com gato, violão, levei uns dias e tive um comício para falar na Casa Grande, tinha mil e tantas mulheres, me colocaram na parede, “você é feminista”, eu dizia que não, “eu sou uma mulher marxista, que estudo as mulheres”. Tinha um convite para falar no Teatro Ruth Escobar em São Paulo, digo: “não vou, primeiro vou estudar melhor esse negócio de feminismo”, porque a minha fala era que as mulheres precisam da democracia para se organizar, para lutar etc. Elas é que precisavam da democracia. Para fazer esse discurso para o grupo de mulheres, eu disse que a democracia precisava das mulheres, como as mulheres precisavam da democracia, acabei me mudando para São Paulo, fui morar lá na capital e trabalhar com a Ruth Escobar, no Parlamento, assessora técnica parlamentar...

AH – Retornou a velha Casa e o feminismo, assumiu?

ZA – Comecei em Casa Grande, no Teatro Ruth, depois eu entrei no Núcleo de Mulheres Feministas de São Paulo e comecei o meu trabalho feminismo... até que me assumo como feminista. Comecei a participar das coisas, mas aí começam as minhas contradições com o partido. Eu achei que podia reformar o partido por dentro e não consegui. Então, quando eu vi que não dava para reformar por dentro eu resolvi cair fora. Saí em 1983. Houve uma reunião no centro de São Paulo, semi-ilegal, para ver que caminho seguir, eu escrevi um vasto documento sobre o tema, cheguei lá a Polícia Federal estava em cima, prendeu todo mundo, fomos presos e ali eu me afastei e eles me afastaram, porque estava metida com o feminismo. Em São Paulo fundei o Conselho da Condição Feminina, que era um órgão governamental, porém não parasita do governo. O governo Montoro²⁰ assumiu, depois veio o Governo Quéricia²¹ e continuou. O Conselho da Condição Feminina se tornou o primeiro órgão governamental formado no Brasil, daí nasceu o de Minas Gerais, e depois o nacional. Fui presidente, vice-presidente, assessora especial, secretária, trabalhei no arquivo, não se fazia nada no Conselho que eu não tivesse feito. Fui a única presidente do Conselho que não tinha esquema político, fui imposta pelas mulheres,

as mulheres se uniram e disseram “é a Zuleika Alambert e acabou”.

AH – A senhora saiu do partido e não entrou em nenhum outro?

ZA – Eu ajudava o PMDB, depois houve a divisão, eu ajudei o PSDB, porque as minhas amigas ficaram no PSDB. Eu trabalhei com a Ruth Cardoso; Covas²² e Montoro me prestigiaram muito, quando mudou e veio o Quéricia, eu fui lá depor o meu cargo, eu tinha um resto de mandato na Presidência e ele disse “não, você vai terminar o seu mandato, nós somos do mesmo partido e tal”, mas cada presidente, cada governador tem um estilo de trabalho, eu não concordo muito com o seu estilo... depois ainda fiquei, fui eleita para outra gestão, trabalhei para a outra presidente, acho que foi a Ida Maria, a 2ª Presidente. Isso tudo é história para toda vida. E ali eu fiquei ajudando e em todos os cargos. Eu fui a única presidente do Conselho que não saiu nem para ser governadora, nem senadora, nem cargo executivo, eu comecei a ocupar as coisas abaixo do presidente e eu aprendi tudo ali dentro, não sendo presidente. Todas precisavam da minha ajuda.

AH – A senhora chegou a acompanhar a Constituinte do Estado em 1989?

ZA – Fui recebida pela comissão pró-constituinte como deputada, que não era mais. “A Deputada Zuleika Alambert...” Fizemos vários debates na Constituinte dentro e fora da Assembléia, no conselho. Quando o Conselho fez 15 anos eu digo “chega, eu já formei muita gente, tem muita jovem que pode continuar a minha luta aqui”. Eu estava doente, me desgastei muito. Fiz o último discurso, deixei formada a nova direção e fui embora para o Rio de Janeiro, tinha cumprido a minha tarefa em São Paulo, onde fiquei 15 anos. No Rio já foi diferente, eu já cheguei doente, escrevia, dava entrevista, ajudava no que eu podia, fazia palestras, em especial para mulheres, senhoras da terceira idade... Até que fui internada. Hoje não posso mais ficar à frente de um trabalho público, ainda fiz uma viagem para Brasília para receber o título de Cidadã Bertha Lutz²³. Ajudo as meninas do GAF – Grupo de Ação Feminista –, junto ao PPS, recebo o material do Brasil inteiro, elas me mandam. As coisas estão se fazendo e vou dando as minhas entrevistas... então aconteceu algo novo. Eu tinha estado com o Mário Schenberg²⁴, foi ele que pela primeira vez me falou em energia nuclear... Nós fomos amigos na Assembléia e quando começaram a cassar os deputados eu fui para a casa dele. A gente

conversava muito, ele era crítico de arte... Ele me dizia: “nada está parado Zuleika, tudo se move”, a minha mentalidade era física velha, clássica, e parava aí. As conversas do Mário ficaram torrando na minha cabeça. Eu precisava fazer tratamentos e fui parar no Ortomolecular, então, o que aconteceu foi o seguinte: eu comecei a ler e aprendi que tinha a Física clássica, que eu agora estou tentando recuperar e essa física. Tudo estava novo, você vê a dialética, que me entusiasmou... você está morto, você morre, nascemos, crescemos, desenvolvemos, como todo mundo, a sociedade, tudo! E morremos. Mas nada se perde, nada se cria, tudo se transforma. A energia de fazer com que você funcionasse em pensamento, consciência, tudo isso não evapora, porque é energia pura. É energia, que os físicos não enxergaram, eles só começam a enxergar um pouco agora. (...) Ver que o mundo é energia pura com mutação. A gente tem de trocar de paradigma e ver as coisas em contínua mudança, o mundo está em plena mudança.

AH – E como vê essas mudanças?

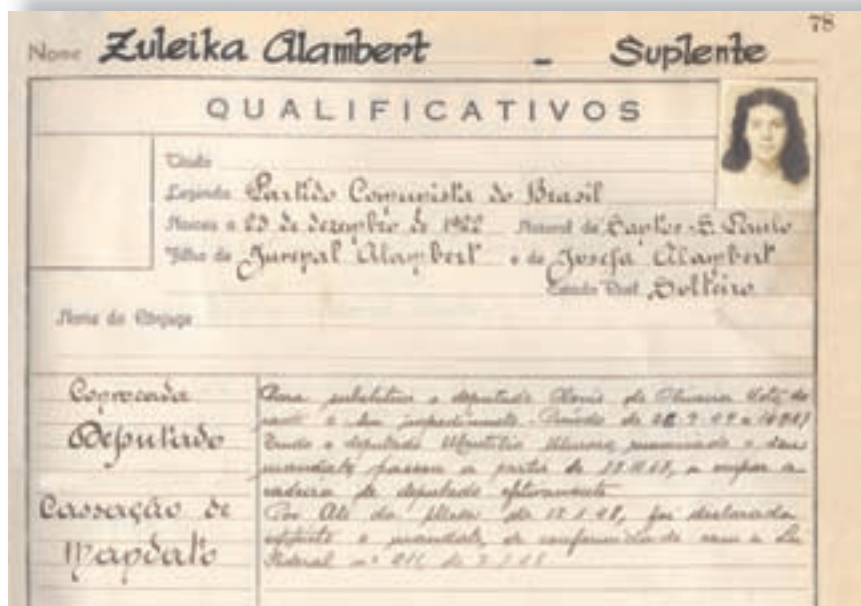
ZA – A terceira idade faz ginástica, faz hidromassagem, faz passeatas... Eles não envelhecem como os nossos avós, fazendo crochê. A mente não pode ter fronteiras, quando ela tem fronteira, você cai no sectarismo do xiita, um absurdo. Então, você vai se reciclando... Hoje, depois de anos, acho pouco dizer que eu sou feminista, eu me digo eco-feminista, por quê? Porque eu faço parte da coisa universal. Então, eu sou eco por isso, porque eu critico as outras feministas que ainda estão naquela de aborto etc... Não é que eu seja contra, mas não basta isso, porque dentro de uma nova percepção, novos paradigmas, a mulher tem de participar da luta por um desenvolvimento sustentável e o que existe de desenvolvimento sustentável está sendo feito pelas mulheres. Os ambientalistas... onde tem um grande número de mulheres. Incorporar essa mentalidade é um grande trabalho cultural que a mulher tem de fazer, trabalhando isso na educação formal, na educação informal. Tem o Brasil bonito e tem o Brasil feio, que a mídia mostra, assaltos, roubos, violências... Essa coisa nova, nós temos

que estimular, o desenvolvimento sustentável, que colhe material do lixo (...) fazem vestidos de chapinha, fazem uma série de coisas (...) que trabalha com material local, não estraga o material, tudo é replantado e reconstruído e usa mão-de-obra nacional, emprega mão-de-obra. Segunda questão, que eu chamo a paridade, homem e mulher na democracia, essa democracia de fachada, ela é representativa, só que os excluídos não se representam, nós queremos uma democracia representativa, participativa e paritária, que significa 30 senadores homens e 30 senadoras mulheres. Um país é democrático na medida em que ele incorpora os excluídos, e as mulheres sempre foram excluídas. Enquanto a mulher não tiver representação paritária com o homem no poder, a democracia será uma mentira, porque exclui a parte maior da população. Esse que é o problema e o partido via a mulher como um instrumento que ele precisava.

AH – Como analisa a reserva de um percentual para candidatas mulheres?

ZA – Veja bem, não estou subestimando as ações positivas, porque as ações positivas educam as mulheres, educam os homens também. Você pode fazer uma discussão das cotas (...) A paridade significa a mulher entrando no poder, é o que a gente chama dar poder às mulheres. O mundo só mudará quando a mentalidade humana mudar, assumir outro paradigma, esse mundo novo, que estou dando exemplo de nascer, crescer e encostar na parede o velho mundo, a velha física, os velhos paradigmas. Eu tenho ilusão nessa nova mentalidade que está nascendo, que já existe. Os velhinhos dançam

DAH-ALESP



Dados de Zuleika Alambert no Livro de Assentamento dos Deputados da ALESP

ali naquela praça, são todas ONGs que estão fazendo um enorme trabalho, exposições... Sou uma eco-feminista, que está estudando o eco-feminismo, que é a minha última escola, não creio que eu vá muito além disso. Porque estou muito tempo nisso, mas o que eu puder eu vou fazer. Não tenho nem condições de fazer uma palestra, mas dou entrevista e vou fazendo a minha parte, “se cada um carregar uma gotinha d’água você apaga o incêndio”.

AH – A senhora falou de grandes paixões. E as outras grandes paixões?

ZA - Fui noiva de um pracinha, que saiu daqui sargento e voltou major, ele vive até hoje, está casado, mas de vez em quando me telefona, é um sujeito legal porque foi herói de guerra... encontrei-me com ele 58 anos depois e ele me devolveu um anel que eu dei para ele e que ele usou pendurado no pescoço durante a guerra. Estava amassado, anel de marcassita... Depois eu conheci o Armênio²⁵, vivi com ele 26 anos, quase 27, ele me deu um aporte, me ajudou muito culturalmente, porque era um homem muito culto. Ajudou-me a entender música clássica, pintura, enfim ele é um companheiro. E não foi assim: viu, gostou; eu fui conhecendo-o na briga, na luta... Depois eu conheci um engenheiro, professor de Física, Matemática, muito progressista, eu ia na casa dele... com ele eu casei mesmo²⁶. Meus padrinhos de casamento foram o Artigas²⁷, e a mulher dele Virgínia Artigas. Os dois ajudaram muito a fazer a minha cabeça, e esse meu marido, meu segundo marido, me ajudou muito a conhecer cultura geral também, ele esculpia. Foi amigo do Milton Santos²⁸, ele tinha amigos notáveis... Era um homem generoso, tirava a camisa dele para dar para os outros e eu aprendi com ele sobre solidariedade, generosidade, física, química, foi muita coisa que eu aprendi com o meu segundo marido, que tinha muito orgulho de ser o meu marido. Quando eu recebi o prêmio de cidadã paulistana, medalha de agradecimento do povo de São Paulo, ele estava lá, ele que recebia as flores... Não tive que me queixar dos meus parceiros, porque eu sempre os respeitei e eles sempre me respeitaram. Eu viajei o mundo, eu viajei o Brasil e nunca ninguém disse para mim, não vai, nem não faz, porque eu tinha a minha personalidade e eles faziam a vida deles também. Eu

sempre digo isso para as mulheres, façam uma vida em comum, onde um não se sobreponha ao outro... O meu segundo marido morreu, ele tinha um problema degenerativo... Essa foi a minha vida, eu não pego da minha boca coisas que não têm amor, realidade...

AH - E você tem filhos?

ZA - Não, isso foi uma opção, eu queria fazer uma vida e não queria empurrar os meus filhos para a minha mãe, que também foi uma mulher que lutou muito. Minha mãe dizia “não quero para as filhas a vida que eu tive”, cozinheira, doceira, agricultora, cortando árvores de café, um dia eu vi a minha mãe abortando no meio do terreno... Talvez uma ou outra vez eu me lembrava que era mulher, que tive o meu condicionamento familiar, social... Tudo que tive que romper, uma coisa complicada. Quando eu tive as primeiras regras, a minha avó virou para mim, velhinha, e disse: “olha, a partir de hoje você não pode brincar com os moleques da rua, porque essa é a vergonha da mulher”, veja bem, “essa é a vergonha da mulher”, “você não pode”, hoje você é uma mulher adulta, tem que se conformar com isso, como se fosse uma cruz nas costas da mulher. Veja, a minha mãe dizia para mim “prefiro ver a minha filha morta, num caixão, com quatro velas, uma de cada lado, do que a minha filha casar e ter filhos”. Filhos, então, a minha mãe tinha horror que tivesse. Minha vida foi uma prática... defesa dos direitos humanos, defesa da mulher... Tenho um livro aí, que se chama *Mulheres no Exílio*, onde eu digo que tinha horas que eu me sentia como um laboratório, gerando idéias, era uma coisa! Por isso que eu digo que a gente já tem alguma energia acumulada, de outras épocas que você traz. Não é uma tábua rasa, não é, você absorve já uma consciência coletiva. Isso não tem

Acervo Zuleika Alambert



Convite para comício de Zuleika Alambert



Livro mais recente de Zuleika Alambert (2004)

por onde. Vou fazer 82 anos, milito desde a idade de 13, 14 anos, milito não, faço política desde 13, 14 anos. Andei pelo mundo inteiro, andei por todos os municípios do Brasil, andei pelo Brasil inteiro, andei pelo mundo inteiro, idas e vindas, legal, ilegal, então essa coisa toda criou na minha cabeça uma soma de material tão grande...

AH – Uma bagagem pesada?

ZA – O que eu aprendi foi a nadar dentro das circunstâncias, eu não tenho nada que me envergonhe, tanto que a abertura do meu livro é sobre isso, que eu acho que a vida é um grande rio que você tem que atravessar, chegar até outra margem, tem gente que nunca chega e morre. Tem outros que vão, põem o pé na água, sentem frio e voltam, tem uns que vão até a metade e voltam. Então, quando escrevi isso me senti chegando do outro lado da margem, mas isso não quer dizer que eu fui em braçadas, em braçadas chegando lá, tinha dias que eu queria mergulhar, ficar mergulhada naquelas águas, vendo o mundo passar por cima e eu ali sem tomar conhecimento. Mas de vez em quando eu vinha à tona outra vez e continuava, porque o ser humano não é uma fortaleza, são com as perdas e ganhos que você vai mudando, se transformando. Eu tenho uma coisa, o livro *Mulheres no Exílio*, elas até se inspiraram no que eu disse, eu disse “eu não nasci para ser cobra, para ser serpente, para viver com

o ventre no chão, não nasci para isso, eu nasci para se águia, quero voar alto”, mas não era alto para ter dinheiro. Não queria ficar como serpente, ali no chão, e elas até desenharam. Eu queria ser águia, e isso é muito dolorido, porque você acerta, erra, volta, tem gente que se conforma, eu fui uma inconformada.

AH - A senhora é inconformada?

ZA - Sou, mas eu tenho que aceitar o que eu sou hoje. Porque a minha psicóloga diz isso “Zuleika, você não tem 20, 40, 60, você está com 82 anos, você não seria a mulher que é hoje se você não tivesse os seus 20, 40, então você tem que fazer as coisas considerando sua capacidade de hoje”. Fisicamente eu não tenho condições de ir para rua liderar uma passeata, ou sair sozinha pela rua gritando e juntar gente. Não tenho condição, então o que eu posso fazer hoje é dar entrevista, falar, escrever, eu tento contribuir com todos que me procuram, dando as minhas impressões, falando das minhas experiências, das minhas coisas. Isso eu faço! Os jovens me procuram, porque eles não conhecem nada, então eles querem ver as pessoas vivas, falando. Agora, não sei se eu vou viver 3 anos, 4 anos, eu tenho a impressão de que não vou viver muito não.

AH – A questão do tempo...

ZA – Quero aproveitar!

Ricardo Marinho



Zuleika Alambert em noite de autógrafa na Livraria da Travessa, em dezembro de 2004, no Rio de Janeiro.

NOTAS

¹ *Dicionário Mulheres do Brasil*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2000.

² Os submarinos alemães procuraram interceptar os principais feixes de comunicações marítimas, conseguindo alcançar a cifra de um milhão de toneladas de navios torpedeados e afundados mensalmente. No Brasil foram 742 vidas entre tripulantes e passageiros, mortos ou desaparecidos em 19 navios.

³ Construída entre os anos de 1912 e 1917, pelo empresário Jorge Street, a Vila Maria Zélia foi um empreendimento inovador. Foi a primeira vila industrial a abrigar creches, escolas, salão de bailes. Sua história foi marcada por grandes transformações. Durante o Estado Novo, se transformou em presídio político. Superintendido pelo Departamento Estadual de Ordem Política e Social, o Maria Zélia foi palco de graves casos de violência e transgressão policial, inclusive fuzilamento.

⁴ Francisco Franco desencadeou a Guerra Civil Espanhola e governou o País de 1939 a 1975, quando morreu.

⁵ Samuel Pessoa, médico, professor da Faculdade de Medicina da USP (cassado), desenvolveu importantes estudos sobre moléstias parasitológicas.

⁶ João Taibo Cadorniga, natural de Santos, professor, representante do Sindicato dos Estivadores e da União Geral dos Trabalhadores de Santos. Eleito Deputado Estadual em 1947, com 8.323 votos, foi cassado e preso em 1948.

⁷ Estocel de Moraes, também santista, ferroviário, esteve envolvido com os portuários. Foi eleito Deputado Estadual em 1947, com 7356 votos, teve o mandato cassado em 1948. Morreu prematuramente, em 1954.

⁸ Clóvis de Oliveira Neto, ex-militar e comerciante, eleito com 6.502 votos, foi afastado, conforme registro na Assembléia Legislativa, para tratamento de saúde. Fazia parte do Comitê Estadual do PCB. Cassados os mandatos dos deputados, continua ligado a ala esquerdista do Exército.

⁹ A Deputada Zuleika Alambert, no período de 26 de setembro a 14 de novembro de 1947, substituiu o Deputado Clóvis de Oliveira Neto, licenciado de suas funções. Em 15 de novembro daquele ano, passa a ocupar a cadeira de Deputada efetivamente, em função da renúncia do Deputado Maútilio Muraro, metalúrgico, eleito com 10.041 votos.

¹⁰ Maria da Conceição da Costa Neves (1908-1898), eleita pelo PTB com 12.119 votos, foi a única mulher na Assembléia Constituinte Paulista de 1947. Conceição da Costa Neves, como era conhecida nos meios políticos, foi atriz de comédia sob o nome de “Regina Maura”, foi diretora da Escola da Cruz Vermelha Brasileira, no período da II Guerra, de 1939 a 1945. Em 1946 fundou a Associação Paulista de Assistência ao Doente da Lepre. Na Assembléia Legislativa foi eleita para seis mandatos seguidos. Exerceu a 1ª Vice-Presidência da Casa em 1958-1962, ocupou a Presidência da Comissão de Finanças e Orçamento durante quatro anos e integrou a Comissão de Redação por sete anos. Foi cassada pelo AI-5, em 1969. Faleceu em 1989.

¹¹ Caio da Silva Prado, historiador e advogado, um dos principais intelectuais do País, fundador da Editora Brasiliense, foi eleito Deputado Estadual em 1947, com 5.257 votos. Teve destacada atuação parlamentar até a cassação de seu mandato, em 1947. Logo após, foi preso por três meses. Em 1955 lançou a *Revista Brasiliense* – que debatia problemas sociais, políticos e econômicos –, proibida pelo golpe de 1964. Entre suas obras estão o livro *História e Desenvolvimento*, concluído antes do AI-5. Em 1970, um inquérito policial militar o reconduz à prisão. Militou intensamente até 1988, falecendo dois anos depois.

¹² Milton Cayres de Brito, natural da Bahia era médico e membro do Comitê Central do PCB. Em 1945 foi eleito Deputado por São Paulo na Assembléia Nacional Constituinte, promulgada em 1946. Com mandato até 1950, abandona a Câmara Federal para assumir a vaga de Deputado Estadual conquistada na eleição de 1947, com 17.692 votos. Cassado, recorre à clandestinidade. Reaparece em 1958, na fundação do *Jornal da Bahia*, onde atua até 1964. Em 1968 participa do lançamento da *Tribuna da Bahia*. Em 1979 ingressa no MDB, na ocasião era professor de publicidade da Escola de Comunicação da Universidade da Bahia. Faleceu em 1985.

¹³ Patrícia Rehder Galvão (1910-1962), jornalista, escritora, militante comunista, Pagu foi uma das grandes vozes da vanguarda de seu tempo. Nascida na cidade paulista de São João da Boa Vista, não tinha o comportamento típico das meninas do interior. Pintava os lábios de roxo, usava decotes e roupas transparentes e fumava em público. Fez parte do movimento da Antropofagia.

¹⁴ Eneida de Moraes (1904-1971), escritora e jornalista paraense, a partir de 1932 começa uma intensa atividade política no ilegal Partido Comunista. Foi uma mulher à frente da sua época. Atuou em espaços

onde a presença masculina era majoritária, como as redações de jornais e o próprio PCB. Foi rotulada de prostituta, por separar-se do marido e viver com o jornalista Oswaldo Póvoa. Durante os anos 1940 e 1950 organizava caravanas de escritores, para discutir literatura em vários pontos do País.

¹⁵ Lourival Costa Villar, João Sanches Segura e Armando Mazzo (marceneiro), deputados eleitos pelo PCB com, respectivamente, 8.288, 6.267 e 6.140 votos. Os dois primeiros faziam parte do Comitê Central do PCB e o terceiro, eleito prefeito de Santo André junto com os “candidatos de Prestes” pelo PST foi impedido de tomar posse em 1º de janeiro de 1948, só o fazendo, simbolicamente, 41 anos depois, quando da posse do Prefeito Celso Daniel naquela cidade. Compõem a bancada de 11 parlamentares comunistas que, além dos já citados anteriormente, contavam ainda com Catullo Branco, engenheiro elétrico, eleito com 5.448 votos e Roque Trevisan, tecelão, eleito com 8.530 votos. Como três suplentes assumem o mandato: Zuleika, o ferroviário Celestino dos Santos, com 4.637, e o físico Mário Schenberg, com 3.092 votos, o número de comunistas que ocuparam as 11 vagas conquistadas na Assembléia Legislativa foi de 14 parlamentares.

¹⁶ Há registro em relatório do DOPS com data de 29 de novembro de 1947, de um comício, em Santos, proibido pela Polícia. No mesmo ano, Zuleika participara, junto com o dirigente comunista Carlos Marighela, de um comício em defesa dos mandatos comunistas, realizado no Vale do Anhangabaú, em São Paulo, no dia 18 de junho. Ainda em 1947, no mês de novembro, acompanhada do também Deputado Estadual Lourival Costa Villar, participa de um comício em Belo Horizonte, que foi reprimido pela polícia.

¹⁷ João Saldanha (1917-1990), jornalista gaúcho, treinador de futebol, em 1969 dirigiu a equipe do Brasil nas eliminatórias para o tricampeonato no México.

¹⁸ Salvador Allende, fundador do Partido Socialista Chileno, em 1970 ganha as eleições como candidato de uma coligação de esquerda à presidência do Chile. A sua política, a “via chilena para o socialismo”, pretende uma transição pacífica para uma sociedade mais justa. A mesma coligação obtém 43% dos votos nas eleições legislativas de 1973. Em junho desse mesmo ano, sofre uma tentativa de golpe de Estado. Em nova investida, em setembro, os militares de direita, chefiados pelo general Pinochet, matam o Presidente Allende e muitos dos seus colaboradores. O regime democrático é extinto e o país sofre um terrível banho de sangue.

¹⁹ Ferreira Gullar, José Ribamar Ferreira, nascido em 1930, na cidade de São Luiz, no Maranhão. Em 1950, após presenciar o assassinato de um operário pela polícia, durante um comício de Adhemar de Barros, em São Luís, nega-se a ler, em seu programa de rádio, uma nota que aponta os “baderneiros” e “comunistas” como responsáveis pelo ocorrido. Poeta, crítico, teatrólogo e intelectual, participou ativamente das mudanças políticas e sociais brasileiras. Um dos maiores influenciadores de toda uma geração de artistas dos mais diversos segmentos das artes brasileiras.

²⁰ André Franco Montoro, primeiro Governador eleito de São Paulo após o golpe de 1964, nas eleições realizadas em 1982. Assumiu seu mandato em 15 de março de 1983 e governou até 15 de março de 1987.

²¹ Orestes Quércia, governador eleito de São Paulo, em 1986. Cumpriu mandato de 15 de março de 1987 a 15 de março de 1991.

²² Mário Covas, prefeito indicado de São Paulo de 1983 a 1985, pelo Governo Montoro. Foi eleito Governador do Estado em 1994 e reeleito em 1998.

²³ Diploma Mulher-Cidadã Bertha Lutz, concedido pelo Senado Federal. Bertha Maria Júlia Lutz (1894-1976) foi uma das pioneiras do feminismo no Brasil. Era zoóloga de profissão. Foi a fundadora da Federação Brasileira para o Progresso Feminino, em 1922.

²⁴ Mário Schenberg, físico, terceiro suplente a Deputado Estadual pelo PCB, assumiu o mandato em 1947, sendo cassado e preso em 1948. Em 1969, com a edição do AI-5, foi aposentado compulsoriamente do Departamento de Física da USP, retomando suas atividades após a anistia, em 1979.

²⁵ Armênio Guedes, jornalista e dirigente comunista, membro do Comitê Central do PCB, atuou junto com Zuleika, em Paris, na campanha pró-anistia brasileira.

²⁶ Virgílio Izoldi, com quem se casou em 15 de março de 1983.

²⁷ João Batista Vilanova Artigas, arquiteto, conviveu com os artistas populares de São Paulo do grupo Santa Helena (a chamada “família artística paulista”). Paralelamente, dedicou-se ao magistério; inicialmente na Politécnica de São Paulo, mais tarde, no curso de Arquitetura da USP. Foi um dos mais respeitados arquitetos brasileiros. Entre seus projetos estão o da sede da Faculdade de Arquitetura da USP - FAUUSP e o Estádio do Morumbi. Faleceu em 1985.

²⁸ Milton Santos, geógrafo, nasceu em 1926, neto de escravos por parte de pai, foi incentivado a estudar sempre e muito. Exilado com o golpe de 1964, aprendeu e ensinou na Europa, Américas e África. Escreveu mais de quarenta livros em diversas línguas. Morreu em 2001.